

# Ainda o milagre da França

O nosso artigo sobre o «maquis», publicado neste jornal, a 17 de Setembro, parece ter causado surpresa em muitos, espanto noutros e dúvidas sinceras em alguns, de tal maneira nos habituaram a ligar a idéia de bolchevismo e de anarquia ao movimento da «Resistência», em França.

Em nós, porém, o conhecimento progressivo dos acontecimentos confirmou-nos apenas naquilo que sempre esperávamos: Movimento de patriotismo, deveria ter sido conduzido, sobretudo, por verdadeiros patriotas e por uma juventude ardente que soubesse distinguir entre a vida e a honra, entre a servidão e a Pátria.

Não escrevemos aquele artigo no ar, nem levados por simples conjecturas. Bastaria, por certo, o nome de Jorge Bidault para tranquilizar-nos o espírito e tirarmos conclusões. Homem de carácter como é, com profunda e sólida formação cristã, um dos chefes mais prestigiosos do movimento social católico inspirado pelos Padres Dominicanos franceses, como poderia ele conformar-se em presidir a um movimento bolchevista e anárquico, inimigo da doutrina que sempre defende e ensinou, e do qual viria a ser inevitavelmente a primeira vítima?

Mas os argumentos de que nos servimos são diferentes e, parece-nos, incontestáveis. Vejamos alguns deles.

O jornal «La Gerbe» de 1 de Outubro de 1942, inspirado pelas autoridades da ocupação, escrevia o seguinte, sob o título «aparece um sonho». «Foram prêsos, há dias, na estação de Perrache, em Lyon, dois perigosos terroristas. Um deles, natural de uma cidade operária do sul, centro mineiro importante, obteve a protecção do barão R., representante dos mais importantes capitalistas da região. Já não é pouco, porque este aristocrata aceita imediatamente o pedido de interceder pelo bandido. E o bispo da diocese o pároco da freguesia, o pastor protestante, o «maire» da cidade e o Perfeito enfim, se juntaram a ele. Parece um sonho...»

Charles Maurras fornece-nos uma porção de argumentos nos seus escritos, na «Action Française». Em 23 de Junho de 1943, citava ele, indignadamente, o autor de um artigo que se queixava no jornal «Demain» de um «jovem sacerdote, director de um clube social da paróquia, nos arredores de uma grande cidade, que não receia manifestar ruidosamente as suas opiniões em público e contar as histórias dos anglo-americanos». E pouco depois citava também, com igual indignação, o texto de uma circular dirigida aos membros da J. O. C., por um assistente eclesiástico que deseja permanecer no anonimato. Essa circular, datada de 20 Novembro de 1942, dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Parece que, na hora actual, não existe nenhum legalismo concreto em relação a Vichy. O legalismo é a atitude que um cristão deve manter para com o governo legítimo que defende o interesse nacional... Desde Abril último, o governo deixou de ser completamente livre. Basta citar a legislação contra os judeus e a lamentável história da «exportação» da mão de obra para a Alemanha. Esta liberdade foi mais reduzida ainda em 8 de Novembro e pode dizer-se que já não existe. O governo já não trabalha para o bem nacional. E' este aliás o sentimento geral e unânime do povo francês. Em tais circunstâncias, a questão do dever do cidadão para com semelhante governo, que só é governo apenas de nome, deve ser revista de novo. O direito de servir as autoridades dissidentes, se a sua consciência o exige, não pode ser negado a nin-

E nos jornais de 12 e 13 de Julho do mesmo ano de 1943, Maurras ataca violentamente a Juventude Católica francesa, sobretudo a Juventude Operária (J. O. C.): «No dia 9 de Maio último, escreve, o chefe da secção local da J. O. C. e os seus 25 homens não saúdaram as bandeiras levadas oficialmente no regresso da missa. Um esquecimento? Não. Apenas um ponto do programa. De facto, o chefe da secção local, advertido do seu mau procedimento, pretendeu justificar-se dizendo que «fazia como toda a gente» que não saúdava; e, além disso, o «misticismo jocista» — acrescentou — desconhece semelhante emblema nacional e não tem obrigação nenhuma de gritar: Viva o Marechal.

Continuando a citar cartas e outros documentos, Maurras deseja provar que o clero e as juventudes católicas são hostis ao Marechal e à sua política.

Mas não se trata apenas de Maurras. No congresso do Partido Popular Francês, de Doriot, realizado em Marselha, em 16 de Maio de 1943, Alain Janvier, num discurso afirmou: «A hierarquia católica francesa, que desde 1905 está liberta de qualquer obrigação para com o Estado, mas que, de há 3 anos para cá, tem sido favorecida com vantagens substanciais, poderá em breve tomar partido contra o governo, semear a desconfiança e a desordem no espírito do povo e arruinar a autoridade do governo. E' o que se vem passando há seis meses. Em primeiro lugar, o clero condenou fortemente as medidas tomadas contra os judeus. Hoje, os pulpitos clamam contra a medida de salvação pública que é a requisição da mão de obra francesa.» (The Tablet, de 10-17 de Julho de 1943).

Poderíamos citar, — se valesse a pena — inúmeros textos, semelhantes a estes, em que os jornais colaboracionistas acusam abertamente os católicos e o clero de provocarem o movimento de resistência, de incitarem à desobediência e à sabotagem. Não resistimos, porém, à tentação de recordar mais um do jornal colaboracionista «Nouveaux Temps», de 16 de Setembro de 1942, a propósito da falência da tentativa de unificar numa só organização a juventude francesa. Os «Chantiers de la jeunesse» tinham conseguido federar um certo número de grupos, dentre os quais os mais importantes eram a Associação Católica da Juventude Francesa e o Escutismo francês. Pouco tempo durou o entendimento e eficácia da nova organização. «Vimos assistindo, há dois anos, diz o referido jornal, à mais lamentável confusão. Esta juventude na qual o marechal Pétain pôs tanta esperança, para não dizer toda a sua esperança, está tão dividida como outrora.» E porquê? Porque, responde o jornal, cada grupo mantém a sua in-

dependência e procura o seu próprio desenvolvimento, a coberto da bandeira da França. «Falemos claro. A Igreja é contra a unidade da juventude.»

De facto, as organizações da Juventude Operária e Agrárias católicas, já poderosas em França, antes da guerra, tomaram notável incremento, não obstante a deportação dos jovens operários. E a causa fundamental deste progresso vamos encontrá-la precisamente nessa mística jocista, empolgante e conquistadora que sabe forjar na juventude do trabalho uma alma nova, aberta aos grandes ideais e aos extremos sacrifícios. A alma da França, sempre nobre e sempre cristã apesar de tudo, encontrou precisamente nesse movimento providencial o ponto de apoio do seu esplêndido ressurgimento nacional.

Afinal, nada de novo neste acontecimento. O mesmo espírito de Joana d'Arc, que libertou a França outrora, é o mesmo espírito cristão, patriótico e indomável que a fez ressurgir em Agosto de 1944. Foi aliás na mesma estrutura cristã que se apoiaram entre nós o Santo Condesável, o Mestre de Avis e os conjurados de 1640.

A França não estava podre. A alma da resistência já se vinha forjando de longe, sobretudo nos milhares de secções dessa juventude católica que soube dar à alma operária e à alma do camponês a tempera necessária para tornar possível o milagre do «maquis», e o milagre do ressurgimento social que se está, desde já esboçando com o apoio dessa mesma heroica juventude.

ABEL VARZIM.